



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO**

ARLLIS MAGDALA GONDIM

**REJUVENESCIMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS NO
CONTEXTO ATUAL: UM OLHAR A PARTIR DA REALIDADE DA CIDADE
DE UPANEMA-RN**

**MOSSORÓ/RN
2021**

ARLLIS MAGDALA GONDIM

REJUVENESCIMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS NO
CONTEXTO ATUAL: UM OLHAR A PARTIR DA REALIDADE DA CIDADE DE
UPANEMA-RN

Trabalho de Curso apresentado à
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
(UFERSA) como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do título de
Licenciatura em Educação do Campo, com
habilitação em Ciências Humanas e
Sociais. Sob a orientação do Prof. Dr. Luiz
Gomes da Silva Filho.

MOSSORÓ/RN
2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

G637r GOMDIM, ARLLIS MAGDALA .

REJUVENESCIMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS
NO CONTEXTO ATUAL: UM OLHAR A PARTIR DA REALIDADE
DA CIDADE DE UPANEMA-RN / ARLLIS MAGDALA GOMDIM.
- 2021.

42 f. : il.

Orientador: Luiz Gomes Da Silva Filho.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2021.

1. Rejuvenescimento da EJA. 2. Educação de
Jovens e Adultos. 3. Upanema/RN. I. Silva Filho,
Luiz Gomes Da , orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ARLLIS MAGDALA GONDIM

REJUVENESCIMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS NO CONTEXTO ATUAL: UM OLHAR A
PARTIR DA REALIDADE DA CIDADE DE UPANEMA-RN

Trabalho de Curso apresentado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais. Sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Gomes da Silva Filho.

Defendida em: 31 / 05 / 2021

BANCA EXAMINADORA

Luiz Gomes da Silva Filho (UFERSA)
Presidente

Emerson Augusto de Medeiros (UFERSA)
Membro Examinador

José Erimar dos Santos
Membro Examinador

Dedico este trabalho ao meu esposo Fladson Ítalo,
que com sua força e compreensão, tem me
ensinado o caminho da perseverança. Aos meus
pais, Ana Maria e Francisco Hélio que são exemplos
de coragem. Ao meu irmão, Felipe Santos.
Com muito amor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus, que é fiel e poderoso, que me deu forças e sabedoria para vencer. Sem Ele eu não teria chegado até aqui.

Aos amores da minha vida, meus pais, Ana Maria e Francisco Hélio, que sempre me apoiou em todos os momentos dessa jornada, com orações, amor e incentivo.

Ao meu irmão, Felipe Santos, também dedico essa conquista.

Ao meu esposo, Fladson Ítalo, por todo apoio e incentivo, obrigada por todo amor e esforço dedicado a mim, foi crucial para a minha jornada.

Ao meu professor e orientador, Luiz Gomes da Silva Filho, a quem devo essa tão significativa conquista, sem a sua ajuda e contribuição eu não teria conseguido.

Não poderia deixar de citar minhas queridas amigas de jornada acadêmica, Elizane Regina e Patrícia Maraísa, que me ajudaram de uma forma especial.

A banca examinadora, composta pelos professores José Erimar Santos e Emerson Augusto de Medeiros, minha gratidão pelo aceite e por toda a contribuição durante minha formação.

Sou extremamente grata a todos os docentes da Universidade em que tive o prazer de conhecer, de uma forma grandiosa, contribuíram para a minha formação.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa conquista. Meu muito obrigada!

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os
homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”
(PAULO FREIRE, 1981, p. 79).

RESUMO

O presente trabalho tem como tema rejuvenescimento da Educação de Jovens e Adultos no contexto atual: um olhar a partir da realidade da Cidade de Upanema-RN, onde buscou-se analisar e compreender sobre as discussões e reflexões acerca da predominância dos jovens em detrimento do público adulto na EJA. Nossa pesquisa foi desenvolvida a partir da realidade da Escola Estadual José Calazans Freire, localizada na cidade de Upanema/RN. Buscaremos através da nossa pesquisa, discutir sobre os principais motivos que levaram os jovens a deixarem o ensino regular e ingressarem na EJA. Nossa pesquisa, caracterizada como qualitativa, foi metodologicamente fundamentada por Minayo (1994). Do ponto de vista metodológico, nossa pesquisa desenvolveu-se a partir de estudos bibliográficos e uma pesquisa de campo, a partir de uma entrevista. A partir disso, nossa fundamentação teórica, foi pensada a partir da perspectiva crítica de educação, sobretudo com autores que dialogam e compreendem as muitas nuances que intercalam o perfil do sujeito da EJA. Trabalhamos com Paulo Freire (2018; 2020), Moacir Gadotti (2000), Osmar Fávero (2009), e Carmen Brunel (2014). Como resultado da pesquisa foi possível perceber que há, em andamento, um processo de rejuvenescimento do Público da Educação de Jovens e Adultos e isso se deve a alguns fatores, entre eles: a repetência no ensino regular, as necessidades socio-econômicas, a necessidade de trabalhar, a descontextualização da educação e da escola de modo geral. Os resultados também apontam implicações que somente seriam possíveis de detalhamento em trabalhos futuros, como a necessidade de novas práticas pedagógicas e formação de professores pensada a partir das novas perspectivas que marcam a Educação de Jovens e Adultos na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Rejuvenescimento da EJA. Educação de Jovens e Adultos. Upanema/RN

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - RELAÇÃO FORMAÇÃO DO CORPO DOCENTE DA ESCOLA 27

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – ESCOLA ESTADUAL JOSÉ CALAZANS FREIRE.....	26
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
EJA	Educação de Jovens e Adultos
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PPP	Projeto Político Pedagógico
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PASSOS E DESCOMPASSOS	13
2.1.	Educação de Jovens e Adultos: Perfil discente e prática pedagógica	17
2.2.	Rejuvenescimento da EJA: quais as implicações?	21
3.	RELATOS DE JOVENS: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DE UPANEMA-RN	24
3.1.	Narrativas de jovens na educação de jovens & adultos	29
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS.....	39
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	41

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar e compreender sobre as discussões e reflexões acerca da predominância dos jovens em detrimento do público adulto na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir das muitas discussões que vêm permeando o campo teórico sobre a temática. Além disso, realizamos uma observação na Escola Estadual José Calazans Freire, localizada no Município de Upanema/RN. Nesse sentido, buscaremos através da nossa pesquisa, discutir sobre os principais motivos que levaram os jovens a deixarem o ensino regular e ingressarem na EJA.

A partir de observações feitas no campo empírico na Escola Estadual José Calazans Freire, e mais especificamente na Educação de Jovens e Adultos desta escola, percebemos que atualmente ela é composta majoritariamente por jovens. Nesse sentido, percebemos na referida escola, o que chamamos neste trabalho de rejuvenescimento dessa modalidade de ensino. Nesse sentido, a escola é composta atualmente por três turmas de EJA, que ao todo possui cerca de 100 alunos.

Sabemos que existe uma grande importância nas pesquisas e que elas fortalecem as contribuições sobre diversas questões que são esmaecidas pela sociedade. Portanto, nosso tema de pesquisa, surgiu a partir de observações feitas na escola, e da percepção dessa predominância de jovens nessa modalidade de ensino. Além disso, essa é uma questão que já vem sendo estudada por pesquisadores e especialistas na área. Diante dessa perspectiva, é que queremos contribuir com campo de interpretações para a EJA, especificamente na Escola Estadual José Calazans Freire. Nesse sentido, buscamos compreender a predominância dos jovens em detrimento do público adulto na EJA e quais as implicações desse fenômeno.

Desde já, queremos situar a EJA dentro do contexto da educação popular, pois entendemos que essa é uma perspectiva educativa que congrega e aglutina outras diversas correntes educativas, muitas vezes excluídas da educação formal. Segundo Pereira e Pereira (2010, p. 73), “Falar de Educação popular é falar de conflito que move a ação humana em um campo de disputas de forças de poder”. Esse campo da educação tem enfrentado dificuldades desde seu nascimento. Forças contrárias, que pregam a ideia de que não precisa de muita

coisa para educar jovens e adultos que não fazem parte da elite, e é exatamente esse discurso, que causa as muitas dificuldades.

Portanto, afirmamos que o processo deve ser construído com eles, e não somente para eles, valorizando suas vivências, e atrelando isso, às metodologias dos professores. Como cita Freire (2018) Não somente o professor, mas também a escola, deve respeitar e compreender os educandos, e seus saberes, pois eles são construídos em suas vivências diárias.

É no sentido de dar importância aos debates e pesquisas, para que haja reafirmações positivas para o campo da educação para jovens e adultos, que desenvolvemos nossa pesquisa. Diante disso, prosseguimos com a seguinte problemática, quais os principais motivos que levaram os jovens a modalidade de ensino EJA e quais as implicações deste movimento.

Por essa razão, procuramos dialogar com autores que discutem sobre a educação popular de forma geral, como também, com aqueles que tratam mais especificamente sobre a EJA. Buscamos discussões a partir de Osmar Fávero (2009), que trata mais especificamente sobre a EJA, Moacir Gadotti (2000), que vem falar sobre as perspectivas atuais e desafios futuros da educação, Carmen Brunel (2014), que traz a discussão exatamente, no campo do “rejuvenescimento na EJA”, e o grande educador Paulo Freire (2018-2020), que também traz inúmeras contribuições sobre a educação popular, EJA e outros.

Como objetivo geral destacamos a necessidade de compreender e analisar a predominância dos jovens (rejuvenescimento) na EJA em detrimento do público adulto. Já como objetivos específicos destacamos:

- Identificar o contexto social dos alunos da escola Estadual José Calazans;
- Caracterizar as condições de ensino regular;
- Analisar quais as implicações para a EJA ao receber um público majoritariamente composto de jovens.

Do ponto de vista metodológico, nossa pesquisa desenvolveu-se a partir de estudos bibliográficos. Além disso, foi realizada uma pesquisa de campo. A partir da revisão bibliográfica, pretendeu-se ampliar nossa visão acerca das discussões que envolvem os estudos sobre a modalidade de ensino de jovens e

adultos. A pesquisa de campo foi realizada na Escola José Calazans Freire, onde observou-se a questão da predominância dos jovens, em detrimento dos adultos na EJA.

Nessa pesquisa, realizamos uma entrevista estruturada e observações não participante. A pesquisa possui um caráter descritivo, pois busca através dos dados obtidos, descrever os motivos que levaram esses jovens a ingressarem nessa modalidade de ensino de forma precoce. Como abordagem, usamos a pesquisa qualitativa, uma vez que se trata de fatores sociais. Minayo cita:

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (1994, p. 21 – 22).

Portanto, a pesquisa buscou a partir dos meios supracitados, sistematizar, e atingir os objetivos programados. Para a coleta de dados, usamos inicialmente uma observação na escola e posteriormente uma entrevista, que nos direcionou a buscar fontes que passam pelo crivo da Educação Popular e da Pedagogia de Paulo Freire.

Nosso trabalho está organizado por capítulos, seguindo uma ordem para melhor descrever nossas ideias. O primeiro Capítulo trata acerca de um panorama da Educação de Jovens e Adultos, falando sobre seus passos e descompassos. O segundo capítulo, traz relatos sobre a cidade de Upanema, como também da Escola José Calazans Freire. No terceiro capítulo, descrevemos nossa pesquisa junto às abordagens dos autores.

2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PASSOS E DESCOMPASSOS

O sistema educacional busca cada vez mais, a compreensão e a resolução de problemas que foram engendrados desde o período colonial. Sabemos que a educação não se desenvolve num contexto isolado, ela tanto depende quanto influência de sujeitos e espaços sociais, envolve culturas e épocas distintas e elementos diversos da sociedade, e tem objetivos de mudar a realidade dos sujeitos que dela participam. Essas configurações que citamos acima, são promovidas, como já supracitado, de formas distintas, se reorganizada a partir das configurações históricas, econômicas, políticas e sociais.

Vale a pena argumentarmos, mesmo que de forma sucinta, sobre alguns dos acontecimentos passados e os atuais. Dessa ferramenta, conforme afirma Gadotti (2000, p. 4) “A educação tradicional e a nova têm em comum a concepção da educação como processo de desenvolvimento individual”. Sabemos que essa parte individual que a educação busca desenvolver, repercute significativamente na formação da sociedade como um todo, e isso acontece num processo contínuo, em que a educação molda o sujeito, e o sujeito transforma a sociedade a partir dos seus aprendizados.

Quando pesquisamos sobre as mudanças que aconteceram desde tempos passados para os dias de hoje, perceberemos que essas mudanças vão caminhando de acordo com o contexto social de cada época, e que os sujeitos vão mudando suas visões e concepções gradativamente. Na contemporaneidade a concepção de “vencer na vida” a partir da educação é uma compreensão perigosa que por vezes alinha educação ao consumo e sucesso a riqueza material.

Nesse entendimento, os fracassados na escola são também os fracassados na vida. Podemos citar Arruda (2003, p. 242, *apud* ADAMS, 2010, p. 16) que diz “A educação está sempre a serviço de uma visão de mundo e de ‘homo’, e de um sistema de organização e desenvolvimento da sociedade”. Diante disso, percebemos que dentro dessas várias visões de mundo, a educação se configura envolvendo muitas coisas, as políticas públicas, exigências governamentais, imposições da sociedade, modelo econômico, entre muitos outros fatores.

Nesses termos é preciso que se compreenda que a Educação de Jovens e Adultos não é somente um lugar de reparação e garantia de que seus sujeitos acompanharão o padrão de consumo e renda estipulado socialmente para aqueles chamados bem-sucedidos, mas que essa modalidade de ensino cumpra um dos atributos fundamentais da educação, que é fazer o conhecimento socialmente produzido chegar a todos os sujeitos que, coletivamente o construíram.

A história da educação brasileira tem deixado várias lacunas desde o seu princípio. Quando o Brasil era colônia de Portugal, os jesuítas vieram no intuito de catequizar os indígenas, e os resultados não foram muito bons, pois, com o passar do tempo, limitaram a educação apenas para os filhos dos colonos. Essas restrições que começaram desde o século XVI, e perpassam, de alguma forma, até os dias de hoje, é uma das explicações de atualmente ainda termos tantos índices de analfabetismo, e que justificam a necessidade de uma Educação para Jovens e Adultos.

Barbosa (2015) vem falar sobre o panorama da Educação de Jovens e Adultos, e relata que quando criada a alfabetização de adultos para os colonizadores, seu objetivo era instrumentalizar a população intencionalmente, ela foi adotada para que os colonos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte, os índios pudessem ser catequizados e, mais tarde, para que os trabalhadores conseguissem cumprir as tarefas exigidas pelo Estado ensinando-a a ler e a escrever.

Podemos ver que a necessidade de uma educação de jovens e adultos, acenou para os governos da época, desde muito cedo, no período do Império, como cita Beisiegel (2010), quando fala que nas províncias, já podia perceber, funcionamentos de educação de adultos. Além da imensa precariedade na educação de um modo geral, as discussões que tendem a atender e preencher essas lacunas, vem caminhando a passos estreitos e muito tardiamente.

Beisiegel (2010, p. 20) afirma o seguinte: “Os primeiros indícios de possibilidade de elaboração de uma política pública abrangente de educação de jovens e adultos iletrados aparecem somente nos últimos anos do Estado Novo”. Ou seja, essa perspectiva de uma educação para jovens e adultos é nova. A educação tem deixado suas lacunas desde seus primeiros passos, porém,

somente no Estado Novo é que foram perceber que haviam pessoas que sofriam as consequências desses reparos na educação.

Segundo Fávero (2003, p. 56) “A história da educação de jovens e adultos não faz parte dos manuais de história da educação brasileira”. Isso prova o quanto essa fase na educação tem sido ignorada em vários compartimentos importantes da educação brasileira.

A questão é mais séria do que se pode imaginar. Segundo Fávero (2003), o analfabetismo só se tornou um problema brasileiro, quando a elite veio precisar da força de trabalho dos trabalhadores, para gerar seus excedentes. Ou seja, desde cedo não houve compromisso com a educação da mulher, do homem pobre, negro, do campo. Mas, a partir do momento em que esses sujeitos foram vistos como objeto para vender sua força de trabalho, se achou a necessidade de ensinar alguma coisa, para que eles executassem essa tarefa com eficácia.

Percebemos que o cenário na década de 1930, era de novos apontamentos para a estruturação da sociedade que estava se modernizando. Com isso, é que se tornou mais evidente a carência na educação, o foco na narrativa da educação como meio para ajudar o país a se erguer.

Desse modo, o primeiro plano de educação para adultos, foi posto em vigor em 1947, com perspectivas básicas para essa educação. A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), foi pensada justamente para preencher essa lacuna. Citando ainda Fávero (2003, p. 59) “foram implantadas pela CEAA classes de emergência”, ou seja, nos passa a imagem de algo aligeirado, sem muito planejamento, como se não precisasse de muita coisa para essa educação. O caráter de campanha é mesmo nesse sentido, algo de pouca estabilidade. E é essa perspectiva que se alastrou repentinamente pelo Brasil. Isso não tem mudado radicalmente conforme as denominações que tem dado à educação de jovens e adultos, pelo contrário, essa configuração tem sido o pano de fundo de boa parte das políticas educacionais que chegam à EJA, basta ver o grande número de programas e projetos que ainda marcam a Educação de Jovens e Adultos no Brasil de hoje.

A fase em que passava o Brasil pela criação das primeiras estratégias de atenção à educação de jovens e adultos, era de estruturação da industrialização, em que o governo buscava desenvolvimento econômico do país. Em contraste a isso, se estruturava uma educação com bases superficiais, com objetivos

direcionados à esfera política e econômica dos dominadores. Fávero (2003, p. 61), cita uma frase do Presidente da república, que explica isso nitidamente. “[...] importante papel da educação dos adultos na solução dos problemas criados pelo desenvolvimento econômico”.

As reivindicações econômicas se tornavam cada vez maiores, e não havia tempo suficiente para educar a população como deveria. A educação tecnicista, rápida e abrangente seria a necessária para dar conta dessa lacuna que impedia o suposto progresso do Brasil. Pessoas preparadas tecnicamente eram o suficiente naquele momento. Pereira e Oliveira (2018, p. 539) afirmam que:

Na lógica de mercado, a relação professor-aluno também se transforma. O aluno é concebido como consumidor e o professor, como funcionário prestador de serviço. Nesse contexto, o direito à educação passa a ser significado como o direito à aprendizagem de determinados conhecimentos e/ou competências e habilidades definidas para integrar o currículo. A educação se reduz à escolarização, e a qualidade desejada se restringe ao direito dos sujeitos à aprendizagem de determinados conteúdos estandardizados.

Historicamente, as reivindicações populares foram um salto consideravelmente significativo para essa questão de luta por uma educação que transforme vidas, que veja o aluno como em sua totalidade e não somente como uma mercadoria. Porém, essas reivindicações não garantem a efetivação de direitos em sua totalidade. Então, historicamente, movimentos civis contribuíram muito para tudo que já foi conquistado. Por isso, vale muito a pena continuar defendendo o direito desse público a buscar educação e melhorias nas condições de vida. Nesse sentido, Fávero (2003, p. 62) comenta: Esses movimentos, nascidos todos no mesmo período, operam um salto qualitativo em relação às campanhas e mobilizações governamentais contra o analfabetismo de adolescentes e adultos ou de educação rural, das décadas de 1940 e 1950.

Assim, percebemos que o analfabetismo sempre foi uma forma para que os governos e as camadas mais altas da sociedade menosprezassem os mais pobres. Tendo em vista que essas pessoas seriam mais fáceis de manipular, e que qualquer coisa para eles já era o bastante. Se a realidade fosse outra, no Brasil a Educação de Jovens e Adultos teria um caráter muito mais humanizado, inclusivo e democrático. Porém, o que vemos atualmente, são pessoas à mercê

de migalhas que os governos mandam, para tentar preencher lacunas feitas por eles próprios a partir de anos e anos de exclusão e negação de direitos.

2.1. Educação de Jovens e Adultos: Perfil discente e prática pedagógica

Podemos considerar que a EJA, possui um caráter de educação diversificado, pois foi pensada no intuito de receber um público heterogêneo, sendo jovens, adultos e idosos. Diante disso, a própria EJA acena para metodologias de ensino, que deem conta da aprendizagem de todos esses sujeitos. A pluralidade é uma das características mais importante e marcantes na EJA, por isso mesmo, nos preocupamos ao nos depararmos com a predominância de um desses sujeitos, pois entendemos que existe nesse fenômeno algum descompasso que precisa ser entendido.

A EJA, desde sua criação, tem atendido pessoas que por diversos motivos não cursaram ou não permaneceram no ensino regular, na idade considerada adequada para este fim. Diante disso, a repetência escolar, sobretudo no 9º ano do Ensino Fundamental, combinado a idade limite para esta série (15 anos, conforme a LDB) acaba por levar muitos desses alunos à EJA. Podemos perceber desde já que a reprovação e o abandono do ciclo regular, gera uma ambivalência que provoca um excedente de alunos jovens na EJA.

E muitos são os motivos que levam esses jovens a desistir ou reprovar. A falta de condições financeira de suas famílias, que os obriga ao ingresso no trabalho ainda precocemente, as relações conjugais, falta de transportes para se deslocarem até a escola no caso dos alunos que moram distante da escola, falta de incentivo por parte dos pais ou responsáveis, precariedade no ensino, entre muitos outros motivos que efetivamente não daríamos conta de enumerar neste momento. Porém, o importante a ser destacado é que todas estas condições acabam por criar um perfil do aluno da EJA. Diante disso, Brunel (2014, p. 11) afirma que:

Os jovens, quando chegam nesta modalidade, em geral, estão desmotivados, desencantados com a escola regular, com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais. Muitos deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e à importância do estudo para a sua vida e inserção no mercado de trabalho.

E esses motivos que os fizeram desistir do ensino regular, já foram em grande medida suficientes para perderem o objetivo (concluir os estudos, fazer uma graduação e conseguir um bom emprego) da educação em suas vidas. Muitos vão à escola simplesmente para terminarem o ensino médio, e irem procurar qualquer coisa para ganhar dinheiro, outros somente frequentam a escola, sem realizar as tarefas propostas pelas disciplinas da série, e poucos são os que ainda permanecem com seus objetivos intactos, com relação ao verdadeiro objetivo da educação em suas vidas.

A repetência, em alguns casos, faz com que o aluno perca o desejo de continuar na escola. Repetir a série, no mínimo dois anos, faz com que ele “destoe” um pouco dos outros colegas, e como eles mesmo dizem: ‘Professora, eu era a mais alta da turma! “Professora, só tinha criança na minha sala, eu não tinha com quem conversar (BRUNEL, 2014. p. 13).

Falando sobre objetivo da educação na vida desses alunos, podemos considerar não somente a questão de conseguir se formar e depois garantir um emprego, mas na formação enquanto sujeito, pensante, crítico e que consegue assimilar os conteúdos escolares com suas vivências e demais acontecimentos ao seu redor.

Concomitante a tudo isso, precisamos considerar a cultura, ou as culturas, em que esses jovens estão inseridos, o que eles pensam, seus anseios e perspectivas, tanto em seus contextos de vida particular, como diante de uma proposta de educação que não é configurada exclusivamente para sua faixa etária. Brunel (2014), vem falar sobre a importância do despertar por parte dos educadores desse público, justamente nessas questões complexas que envolvem os sonhos, anseios, desses jovens na modalidade de ensino em que estamos tratando aqui.

Em vista disso, podemos considerar a importância de parar para ouvir esses jovens que estão na EJA. Considerando que muitos deles, se sentem rejeitados, por nunca terem sido levados a sério. Brunel (2014) afirma a importância que existe no ato de ouvir esses alunos. Ela relata sobre suas experiências que teve em turmas de EJA, e enfatiza que, é crucial ouvi-los, pois

muitas vezes esses alunos já são paralisados por professores, e até mesmo pela própria escola.

Podemos considerar também, que muitos desses alunos não desfrutam de uma rotina de diálogo com suas famílias, o que constrói uma barreira para que o mesmo aconteça de forma fácil no ambiente escolar. À medida que esse diálogo vai acontecendo na sala de aula, barreiras vão sendo quebradas, tanto entre professor e aluno, quanto o comportamento do aluno e sua família.

À medida que esses jovens são ouvidos, suas histórias serão reconhecidas, eles se encontrarão enquanto sujeitos, e poderão reencontrar o verdadeiro sentido da escola em suas vidas. Para que o programa de Jovens e Adultos possa colaborar como uma aprendizagem mais relevante, deve estar arranjado para atender esses alunos em todas as suas especificidades e, consequentemente, devem conhecer seus alunos e suas carências (BARBOSA; SALES; AMORIM. 2020, p. 23). A relação entre aprender e ensinar, percorre inevitavelmente pela vida dos envolvidos, nesse processo, consequentemente quem ensina também aprende. E não falamos somente dos conteúdos curriculares, mas sobre convívio, culturas e diferenças. Brunel (2014) nos diz que é através desse encontro com o outro que significa estar no mundo, e que as nossas atitudes são determinantes para a vida daqueles que nos cercam.

A forma como os conteúdos são ministrados também norteiam o direcionamento das aulas. Cada professor deve buscar conhecer e agregar seus conteúdos o mais próximo possível a realidades desses alunos. Atividades dinâmicas, como rodas de conversas, debates, pesquisas, que os façam refletir e expor opiniões, serão definitivas no desempenho de cada um, além de proporcionar ao professor o conhecimento sobre as realidades.

A educação é uma ferramenta que não se move sozinha, mas que precisa do envolvimento significativo de todos aqueles a quem ela compete, governos, administradores, professores, família e alunos. Diante disso, queremos sucintamente, acenar para as partes que competem aos professores, pois, diante de um público majoritariamente jovens na EJA, eles são direcionados a adquirir uma maturidade, como cita Brunel (2014), para compreenderem qual seu papel em uma modalidade de ensino tão complexa e que exige um compromisso social severo, mediante os muitos desafios.

Num diálogo mais amplo, em que Beisiegel (2010) cita Paulo Freire, ele vem falar que o homem que está inserido nas relações com o mundo, conhece o seu hoje, o amanhã, as criações naturais, culturais, e conseqüentemente não é um ser passivo. São nessas relações de reciprocidade do homem com o mundo, que acontece a reciprocidade de mudanças, tanto no próprio homem, como no mundo.

A forma como nós, educadores, nos detemos a observar e buscar intervir na realidade de cada jovem que ingressa na EJA, irá refletir significativamente no seu progresso ou fracasso. (CHARLOT, 2000, p. 30 *apud* BRUNEL, 2014, p. 21) vem dizer que:

A leitura positiva quer saber o que está ocorrendo, em que situações ele fracassa e em quais ele consegue ter sucesso, “a leitura positiva busca compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa em um aprendizado e, não, ‘o que falta’ para essa situação ser uma situação de um aluno-sucedido.

Diante disso, é perceptível a carga de responsabilidades que recai sobre o ensino da EJA. Por um lado, tem que adaptar suas metodologias para receber as pessoas adultas, que passam o dia trabalhando e já chegam na escola cansados, por isso, necessitam de um tempo mais longo para aprender, e de atividades mais maleáveis e ligadas a esse contexto. Por outro lado, tem os jovens que em muitos casos já desmotivados a seguirem seus estudos, uma vez que, não conseguiram progredir no ensino regular. Mas, como cita Barbosa, Sales e Amorim (2020, p. 23) “O ponto inicial do trabalho pedagógico do profissional faz toda diferença; ele deve empenhar-se com os alunos, para poder tirá-los e modificá-los dos lugares comuns, independentemente de políticas públicas e programas”. Com tudo isso, a postura do professor deve ser otimista, afável, o que fará muita diferença no comportamento do aluno. A troca de experiências tanto na relação entre professor e aluno, quanto dos alunos entre si, poderá ser determinante no desempenho. Ele precisa acreditar, e em muitos casos, ver além do que o próprio aluno, pois muitos desacreditam de sua capacidade. Nesse caso, as aulas devem ser dinâmicas, com a aplicação dos conteúdos e com um momento de conversas.

Nesse sentido, espera-se que os professores tenham apoio da escola, da comunidade e uma formação continuada, porém, como sabemos, isso nem

sempre acontece como deveria, nesse caso o professor deve buscar metodologias que tornem suas aulas mais proveitosas.

Sabemos da importância de toda carga de conhecimento que cada professor deve buscar a cada dia, agregando isso a sua formação, porém, é na prática em sala de aula que esses professores irão aperfeiçoar seus conhecimentos científicos, adaptar metodologias, e conhecer necessidades do processo de ensino e aprendizagem de cada aluno. Barbosa, Sales e Amorim (2020).

2.2. Rejuvenescimento da EJA: quais as implicações?

Como já citado, a Educação de Jovens e Adultos foi pensada tanto para jovens como adultos que, por inúmeros motivos, ficaram às margens do ensino regular e que viram a solução para a conclusão da continuidade dos estudos nessa modalidade.

Durante muito tempo a realidade da EJA era predominantemente marcada por adultos, casados e até idosos que tinham suas tarefas durante o dia, trabalho fora, trabalho no lar, filhos para sustentar e que eram iletrados, mas que sentiam a necessidade ainda de concluir seus estudos. Brunel (2014) recorda que no ano em que iniciou no antigo supletivo, os alunos que frequentavam a EJA não eram tão jovens e que muitos já haviam parado de estudar há um bom tempo. Porém, o aumento do número de jovens nessa modalidade tem remodelado e provocado motivos para se pensar novas configurações para a educação. Esse fenômeno implica em mudanças significativas dentro da EJA, mudanças na metodologia de ensino, nos materiais pedagógicos, no trabalho pedagógico como um todo.

É nesse sentido que percebemos o que chamamos de rejuvenescimento da EJA, fenômeno que deve receber a devida atenção do sistema educacional, considerando as razões que levaram os alunos até essa modalidade, e os rótulos que a sociedade impõe sobre essas pessoas que estão atrasadas do ensino regular e precisam recorrer a uma educação aligeirada. Silva (2010, p. 8) confirma esse rejuvenescimento quando fala:

Cada vez mais cedo eles ocupam o espaço da sala de aula destinado à Educação de Jovens e Adultos que inicialmente fora

pensada para o público adulto, estando voltada para uma situação que já perdura há muito: a superação/erradicação do analfabetismo e a necessária ampliação da escolaridade dos adultos e, mais recentemente dos jovens.

Mais à frente Silva (2010, p. 8) continua: “atualmente, os estudos, pesquisas evidenciam que os jovens entraram definitivamente em cena nessa modalidade de ensino”. Brunel (2014) explica esse fenômeno do rejuvenescimento na EJA, começou no Brasil nos anos 90, uma vez que a EJA foi silenciada durante o período da ditadura militar (1964-1985), essa modalidade de ensino somente retorna nos debates e discussões na década de 1980.

É nessas configurações que percebemos a necessidade de repensar os caminhos que competem à educação voltada para jovens e adultos e não somente no que se refere ao ensino regular propriamente dito, mas aos espaços físicos em que essas aulas são ministradas, a formação dos professores, as condições pedagógicas, entre muitos outros fatores que determinam o bom andamento da EJA.

Diante dos muitos motivos que levaram os alunos até a EJA, preconceitos sofridos nesta sociedade excludente, necessidades da vida, objetivos futuros com relação a uma suposta vida academia e conseqüentemente um sucesso profissional, podemos defender e incentivá-los para que busquem o melhor, que olhem para a educação como uma responsabilidade coletiva, mas também como uma responsabilidade individual, capaz de mudar suas realidades e dos que estão a sua volta. Nesse mesmo sentido, Brunel (2014, p. 57), afirma:

Do ponto de vista econômico, o modelo capitalista atual não se baseia somente na mão de obra em massa como foi na origem da Modernidade e da escola. Ele exige pouca mão de obra e muito especializada, dessa forma gerando desemprego, fome e miséria, situações essas que sempre existiram, mas que se aguçam pela incapacidade desse modelo responder a essas demandas. Esse fato é definidor para a vida dos jovens, pois a juventude está buscando o seu espaço na sociedade, e o trabalho é parte desse processo.

Esse é um dos motivos que levam muitos jovens a desacreditar no poder transformador da educação, e que podem mudar suas vidas através dela. O modelo econômico vigente, tem interferido nas perspectivas educacionais, valorizando demasiadamente a uns e desprezando outros.

Essas questões acenam para um despertar sobre esse público tão jovem predominando na EJA, sendo uma modalidade de ensino construída propositalmente para receber pessoas tanto jovens, quanto mais adultas, e idosas. Um dos principais questionamentos diante disso seria: Qual o principal motivo que levou a exclusão das pessoas mais adultas e idosas dessa modalidade? Se formos buscar a fundo, encontraremos diversas justificativas para essa pergunta. Podemos relatar aqui que esse rejuvenescimento da EJA na referida escola da cidade de Upanema, não é antigo, em meados de 2016, fizemos uma breve visita a essa mesma escola, especialmente na turma da EJA, e o público era predominantemente mais adulto, pessoas casadas, frequentavam as aulas, com isso percebemos que muito repentinamente esse público mudou radicalmente.

Podemos afirmar que existe grande importância na formação de professores quando pensamos especialmente nessa questão. Uma modalidade que exige do professor saberes e metodologias específicas para ensinar um público heterogêneo em apenas uma aula. Podemos então, pensar na importância de haver especificamente nessa modalidade diferentes gerações compartilhando o espaço da sala de aula.

O jovem que migrou do Ensino Regular para a EJA, que muitas vezes se encontra desmotivado por repetências, busca por trabalho, ou desinteresse, poderia ser positivamente motivado por uma pessoa mais adulta, casada, que tem filhos, ou até mesmo uma pessoa idosa, a troca de saberes e experiências, convívio da sala de aula, além da interação nas atividades curriculares, fariam toda a diferença na formação tanto de jovens como de pessoas mais adultas. Poderíamos pensar em políticas públicas que fossem destinadas a esses jovens que, principalmente por necessidade de trabalho, muitas vezes deixam de estudar no Ensino Regular para migrarem para a EJA. E não somente pela questão do trabalho, mas é preciso pensar na motivação, em despertar nesses jovens seus talentos.

Com isso, percebemos que a EJA perdeu um pouco sua originalidade, e precisa se reconfigurar não somente para receber e dar conta dessa predominância de jovens, mas para repensar os motivos que levaram a evasão desse público mais adulto. É preciso ressignificar as motivações dessas pessoas que pararam de frequentar a escola, mostrar que o ambiente escolar é para elas

também, que a escola é um lugar de aprendizagem mútua, como se fosse uma via de mão dupla, à medida que você aprende, você também ensina.

3. RELATOS DE JOVENS: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DE UPANEMA-RN

A cidade de Upanema, localizada no Médio Oeste Potiguar, está distante 250 km da capital do Rio Grande do Norte, Natal. Ao Norte da cidade fica a cidade de Mossoró, ao Leste os municípios de Assú e Paraú, Oeste se limita aos municípios de Caraúbas e Governador Dix-Sept Rosado e ao Sul, o município de Campo Grande. Sua área é composta por 873,140 km, sua estimativa populacional segundo o IBGE (2020), é de 14.800 pessoas.

A cidade de Upanema foi inicialmente povoada por indígenas caracterizados como Pêgas, eles habitavam as margens do rio (atualmente conhecido como rio Upanema) existente na região. Apesar de o rio ser escasso na existência de peixes, os indígenas sobreviviam da caça e poucas plantações à volta do rio. Em consequência da falta de peixes, denominaram o lugar como "Panema".

As margens do rio que era habitada pelos indígenas se tornou vila e depois cidade, durante esse tempo de construção, vários nomes foram usados para caracterizar o lugar. No ano de 1867, com a passagem do padre Francisco Adelino de Brito, natural do município de Campo Grande, iniciou-se o povoamento, pois foram distribuídos lotes de terras para a habitação de pessoas beneficiadas. As boas condições das terras da região logo facilitaram a chegada de muitas famílias que iam em busca de terras para cultivar, o rio, o clima, e as terras férteis atraíram o povoamento e com o crescimento populacional, no ano de 1874 a primeira escola foi construída.

Gradativamente a partir de sua construção, o lugar ia ganhando nomes pelos habitantes, que poderiam ser mais para características do local. Cada qual era mudado em pequenos períodos de tempo. Inicialmente foi chamada Rua da Palha, e repentinamente já a chamaram de Conceição de Upanema. O nome Rua da Palha era característico das muitas Carnaúbas plantadas na região, e o Conceição de Upanema, decorrente da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição.

Posteriormente a chamaram Curral da Várzea, decorrente da várzea do rio. Nessa época, o povoamento já havia aumentado e a população começava a buscar meios de sobrevivência. A extração da carnaúba, as criações de gados ganhavam espaço na economia. Antes de conquistar sua emancipação política, o povoado pertenceu ao município de Campo Grande, e somente no dia 16 de setembro, do ano de 1953, a cidade conseguiu sua emancipação política e já era chamada de Upanema.

A cidade tem sua economia diversificada com a forte influência e predominância da agricultura familiar, do comércio varejista e da piscicultura com destaque para a Barragem de Jessé Pinto Freire, conhecida como Barragem de Umari, um dos maiores reservatórios de água do Estado, que garante meios de sobrevivência para famílias que vivem da agricultura e pecuária. Diante disso, o município detém atualmente uma diversidade de fontes econômicas, contando ainda com produção do melão e melancia e a prática do extrativismo da carnaúba.

No que compete a questão de aspectos culturais a comunidade é um tanto carente, as principais opções são o Ginásio Municipal, um Socyte para a prática de esportes, a praça de eventos, participação de eventos religiosos e festas tradicionais da comunidade.

No aspecto educacional, a zona urbana da cidade conta com cinco escolas, e a zona rural com sete. Na zona urbana: duas Estaduais, duas municipais e uma Evangélica, com a educação Infantil e o ensino fundamental I e boa parte do Fundamental II. Na zona rural: quatro escolas oferecem Ensino Fundamental (anos iniciais), três escolas oferecem Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e todas elas oferecem educação Infantil.

Diante disso, nossa pesquisa foi necessariamente desenvolvida na Escola Estadual José Calazans Freire, pois é a única escola até hoje, que dispõe do Ensino Médio e mais especificamente a Educação de Jovens e Adultos.



Fonte: Arquivo pessoal.

A Escola Estadual José Calazans Freire, fica localizada na cidade de Upanema/RN, na Avenida Getúlio Vargas, nº 16, Bairro centro, CEP: 59670000, localizada na Mesorregião do Oeste Potiguar.

A Escola em sua estrutura física é constituída por espaço necessário para atender sua clientela. Composta por 09 (nove) salas de aula; uma sala para a gestão, uma sala de leitura, 06 banheiros, sendo 03 femininos e 03 masculinos um laboratório de Informática, um depósito para merenda, uma sala de apoio ao “Mais Educação”, uma sala para secretaria, uma sala para o Grêmio Estudantil, uma sala para depósito de materiais diversos, uma sala de recursos multifuncionais, um laboratório de Ciências, uma sala de Multimídias, uma sala de leitura, uma sala de apoio a leitura, um refeitório, uma cozinha, uma área de serviço e uma sala para professores e equipe pedagógica. O abastecimento de água, luz elétrica, serviço de telefonia e internet, as salas são climatizadas, porém, a escola ainda não possui um auditório para as reuniões e comemorações da escola.

Atualmente a Escola conta com 21 (vinte) professores atuando nos seus três turnos de funcionamento no Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional. O corpo docente é formado por

professores com habilitação nas áreas específicas em que atuam e a maioria possuem especialização na área que lecionam. Conforme quadro abaixo:

Quadro 1 - RELAÇÃO FORMAÇÃO DO CORPO DOCENTE DA ESCOLA

RELAÇÃO FORMAÇÃO DO CORPO DOCENTE DA ESCOLA	
ÁREA DE FORMAÇÃO	QUANTIDADE
Geografia	5
Ciências Biológicas	1
História	1
Ciência da Computação	1
Física	1
Educação Física	2
Letras Inglês	2
Pedagogia	2
Letras Português	3
Matemática	3

fonte: Autor (com dados coletados na escola)

A escola também conta com mais 30 funcionários que desenvolvem tarefas de Gestão e os suportes pedagógicos, a maioria desses funcionários são efetivos da escola e alguns possuem formação. Dentre essas formações dos funcionários estão: Pedagogia, Serviço Social, Letras, Logística, Matemática, Ciências Contábeis e Engenheiro Agrônomo.

As atividades que esses funcionários desenvolvem são as seguintes: diretor, vice-diretor, ASG, merendeira, vigia, regente de biblioteca, regente de laboratório, servente, coordenador pedagógico, assistente administrativo e apoio pedagógico.

A Escola funciona nos seguintes horários: turno matutino das 7h às 11h 20min, turno vespertino das 13h às 17 horas 20 min e turno noturno das 19h às 22h. Oferta as seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental I e II,

Ensino Médio, Ensino Médio Técnico e Educação de Jovens e Adultos. A EJA, conta com quatro salas funcionando, o corpo docente é composto por seis professores formados, sendo as salas dessa modalidade funcionando no turno da noite.

A supracitada Escola é conhecida como referência na educação, pois é a única Escola que oferece o Ensino Médio no município. Além disso, é uma escola que atende majoritariamente um público rural, pois, por ser a única que atende o Ensino Médio do município, obrigatoriamente deve receber esses alunos.

A clientela da escola pode ser considerada como heterogênea, pois são alunos provenientes da zona rural, de assentamentos e diversos bairros da cidade. Os alunos vindos das áreas rurais frequentam principalmente os turnos vespertino e noturno. Nesse sentido, podemos destacar as dificuldades que esses alunos enfrentam para se deslocar até o estabelecimento de ensino, pois, fazem uso do transporte escolar (ônibus e micro-ônibus) mantido pelo poder público (Federal, Estadual e Municipal).

Os estudantes matriculados estão distribuídos nos três turnos (matutino, vespertino e noturno). Diante disso, percebemos que existe uma diferenciação dos estudantes de acordo com o turno, como: no matutino são na maioria adolescentes na faixa de 11 a 19 anos; no vespertino a idade já oscila entre 15 e 20 anos, e no noturno a idade está entre os 17 a 44 anos.

Segundo o PPP (2019), para conhecer melhor o perfil dos alunos que estudam na escola, foi aplicado um questionário com diversas perguntas. Uma das perguntas foi sobre a renda mensal. 27,81% responderam que recebem menos de 1 salário-mínimo, 45,15% recebem um salário, 22,45% dois a três salários, 2,30% quatro a cinco, 0,77% seis ou mais salários e 1,53% não responderam.

Outra pergunta foi sobre a participação desses alunos na renda familiar. 86,48% dos alunos responderam que não trabalham, apenas estudam; 5,36% falaram que trabalham, mas recebem ajuda financeira da família ou de outras pessoas, 4,85% trabalham apenas para o seu próprio sustento e 3,32% são responsáveis pelo seu sustento e contribuem parcialmente para o sustento da família. Uma outra pergunta do questionário foi sobre a participação dos pais na vida escolar dos alunos. 59,95% responderam que sempre participam, 33,42%

participam apenas quando são convidados, 6,12% nunca participam e 0,51% não responderam.

Ainda segundo dados do PPP da referida escola, o número de matriculados na EJA, no ano de 2019, foi de 131 alunos no turno noturno, sendo esse número dividido em 4 turmas do 1º ao 5º ano dessa modalidade. Conforme informação da diretora, essas turmas são compostas majoritariamente por alunos jovens, que desistiram do Ensino Regular e se matricularam na EJA. Conforme citado no PPP da escola (2019) a EJA segue o seguinte plano:

A Calazans Freire oferta estudos referentes ao Ensino Fundamental – 4º, 5º, 1º e 3º Período que tem como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais e Estaduais, que consideram os conteúdos ora como meio, ora como fim do processo de formação humana dos educandos, para que os mesmos possam produzir e ressignificar bens culturais, sociais, econômicos e deles usufruírem. Visa, ainda, o encaminhamento para a conclusão do Ensino Fundamental e possibilita a continuidade dos estudos para o Ensino Médio.

Ainda conforme relatos da diretora da referida escola, no ano de 2020, esse cenário permaneceu o mesmo, e assim sendo, percebemos o quanto esses profissionais precisam está em constante formação para que a EJA, seja um ambiente apropriado para as realidades vivenciadas por esse público tão jovem. E não somente pensar em ofertar uma educação de Jovens e Adultos, mas que dê conta de fazer reviver os sonhos e projetos que foram adormecidos no meio do caminho por vários motivos que muitas vezes são tão complexos. Que seja uma educação em que eles possam aplicar os conteúdos em suas realidades, que venha acompanhada de conselhos, compreensão e contribuição.

3.1. Narrativas de jovens na educação de jovens & adultos

Consideramos relevante a pesquisa no campo da EJA, uma vez que essa muito tardiamente vem surgir nos escritos sobre educação no Brasil. Sendo essa modalidade enquadrada dentro do contexto de Educação Popular, campo de lutas e conquistas, e é nesse campo onde as reflexões se tornam coletivas e sobre uma perspectiva de mudança, em busca de melhorias. Uma educação marcada pelas intencionalidades elitistas e egoístas, em que seus protagonistas

sendo constantemente mudados, falamos de alunos, profissionais da educação, e aqueles que a fazem de forma direta ou indireta.

A partir dessas questões singulares, buscamos adentrar nesse campo de pesquisa, e assim tivemos acesso a alguns protagonistas dessa modalidade de ensino, os chamados sujeitos da EJA. Portanto, discorreremos neste momento aquilo que extraímos da nossa pesquisa de campo, estruturada em forma de entrevista, com 10 perguntas, e a identificação de cada aluno. Aplicamos nossa entrevista com 6 alunos da EJA, da Escola Estadual José Calazans Freire, na cidade de Upanema/RN. A princípio, nosso planejamento seria aplicar a entrevista de forma presencial com os alunos, incluindo o número maior, porém, devido a realidade em que estamos vivendo de pandemia da Covid 19, que implicou em aulas remotas e escolas fechadas, nos restou realizar a pesquisa também de forma remota.

Destaque-se que para delimitar a fronteira entre jovens e adultos utilizamos o que diz a Organização Mundial de Saúde - OMS e a Organização das Nações Unidas (ONU), ou seja, a idade entre 15 e 24 anos.

Para isso, usamos o aplicativo do *WhatsApp* para entrar em contato com a escola, onde fomos atendidos pela diretora, e a mesma nos direcionou o contato de uma professora, que nos confirmou o quantitativo do número de jovens sobre adultos nessa modalidade de ensino e nos enviou os contatos de alguns jovens que poderia estar nos ajudando na pesquisa.

Depois disso, entramos em contato com esses alunos e explicamos nossa situação e logo começamos a pesquisa. Fizemos um grupo no aplicativo do *WhatsApp* para enviar as perguntas para cada aluno (a) que se disponibilizou para responder. Portanto, descreveremos a seguir as perguntas e as respostas da nossa entrevista. A mesma foi dividida em Dados Gerais e Específicos. Estruturamos da seguinte forma: citaremos as perguntas dos dados Gerais e uma pergunta por vez dos dados Específicos de cada aluno, juntamente com as respostas deles e nossas contribuições, e assim sucessivamente com os 6 alunos.

Começamos com a primeira questão: *Qual suas maiores dificuldades quando estudava no ensino regular?* **Susa Mara Fernandes de Melo (17 anos)**, - doravante Susa Mara - afirma: "Tinha coisas que achava muito difícil". No mesmo sentido, **Magnos Geovan Aquino (18 anos)**, - doravante Magno

Geovan - diz que: “A maneira como os professores me explicavam eu não conseguia compreender, também o meu desinteresse pela matéria quando eu não entendia o que explicavam”. Outra resposta no mesmo caminho é a de **Luzielly de Souza Lima (24 anos)**, - doravante Luzielly de Souza - que fala: “minha maior dificuldade no ensino era questão da matéria de matemática, tinha muita dificuldade com a matéria”.

Podemos destacar destas primeiras respostas que as dificuldades no ensino regular estavam associadas às dificuldades de aprendizagem, algo que pode ter contribuído com a repetência ou desistência desses alunos. Esse é um grande desafio na Educação de Jovens e Adultos, ou seja, associar os conteúdos escolares com a realidade dos sujeitos. Desse modo, cabe ao professor que atua com esse público buscar meios para tornar as aulas mais atrativas e próximas da vida mesma desses alunos.

Conforme Freire (2014, p. 33): “Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade”. Assim, também discute Brunel (2014) quando fala que a escola precisa conhecer as histórias e ouvir esses jovens. É necessário desmistificar rótulos de inferioridade que o Ensino Regular e até a sociedade, definiu como atrasados, fracassados.

O ser humano tende a querer ficar somente em lugares em que ele percebe que é bem-vindo, compreendido. Se a escola não fizer isso, certamente esses jovens irão desistir facilmente dos estudos e acreditar que essa inferioridade realmente lhes pertence. Logo se a escola os valorizar, eles irão encontrar motivações para permanecer.

A segunda questão foi a seguinte: *No Ensino Regular, a forma que os professores ensinavam compreendiam sua realidade?* Novamente, **Susa Mara (17 anos)**, fala: “Não”. Assim como **Magnos Geovan (18 anos)**, também afirma o mesmo: “Não”. **Laurence Oliveira da Silva (19 anos)**, - doravante Laurence Oliveira - também confirma falando “não muito”. E **Kayllany Karol Rodrigues (17 anos)**, doravante Kayllany Karol - diz “Uns sim, outros não”.

Assim como na primeira questão, as respostas da segunda, vão apenas confirmando as lacunas deixadas no ensino regular, além de percebermos a grande responsabilidade que recai sobre o professor da EJA, que precisa

repensar o contexto em que atua e o público-alvo. O professor não deve apenas ministrar os conteúdos, mas levar os alunos a pensar criticamente aquilo que se lê. Para isso, o professor precisa conhecer as realidades dos alunos e agregar esses conteúdos ao real. Nesse sentido, Freire (2018, p. 12) aponta que: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”

As respostas curtas e falas cortadas muitas vezes já sinalizam para uma limitação desse público, retraídos pela timidez, precisamos valorizar cada palavra, cada afirmação, sabendo que dentro de cada uma dessas expressões há muita história, sonhos e desejos, as vezes deixados pela metade.

A terceira questão diz: *Tinha dificuldade em chegar até à escola quando estava no ensino regular?* **Magnos Geovan (18 anos)**, fala que “Sim, eu morava no sítio e não tinha transporte para vir, então vinha de bicicleta para escola”. Percebemos que os desafios não são unicamente dos professores, é um coletivo de responsabilidades que podem contribuir para a educação desses alunos. Aqui, vemos que essa realidade poderia ser outra, se tivesse transporte gratuito, disponível para trazer esses alunos.

Percebemos que as dificuldades são diversas, mas que acima delas, existem alunos que veem na educação caminhos para terem um futuro promissor. Como Brunel (2014), afirma que a escola permanece com grande relevância para esses alunos, apesar das dificuldades enfrentadas, sendo ela uma “referência positiva”. Nesse sentido, é necessário haver o diálogo entre a escola e esses alunos, para que esses vejam que apesar das dificuldades enfrentadas, vale a pena continuar, e não somente ir até a escola para estudar, mas buscar formação enquanto sujeitos ativos e pensantes da sociedade. Incentivá-los a ir em busca do transporte público, da merenda escolar, seja qual for a necessidade, criar movimentos estudantis que defendam os direitos dos alunos.

Vamos para a quarta questão, que diz: *Por que optou por se matricular na EJA?* **Luzielly de Souza Lima (24 anos)**, diz o seguinte:

Eu optei a estudar na EJA por motivo de já ser dona de casa ter te responsabilidade dos filhos e dos fazeres de casa no dia não tinha como estudar normal, optei o EJA por questão do horário que é a noite, e tinha mais um pouco de facilidade para mim retomar os estudos e conseguir dar um futuro mais essencial aos

meus filhos, e graças a deus meu marido me ajuda muito nessa questão.

A citação acima explica bastante o perfil do aluno da EJA. São essas dificuldades que levam os alunos a deixarem o ensino regular. Acabam encontrando na EJA certo acolhimento, ou pelo menos um lugar que “combina” mais com suas realidades. Na sequência, **Laurence Oliveira (19 anos)**, responde: “por conta do meu trabalho é sempre eu queria estudar a noite”. A resposta de **Kayllany Karol Rodrigues (17 anos)** vai no mesmo sentido “porque na época eu estava trabalhando pela manhã e pela tarde, e só poderia estudar pela noite na EJA”.

É possível identificar outro dado relevante que levam os alunos a deixarem o ensino regular. A inflexibilidade dos horários de aula não favorece a realidade de quem trabalha. Por isso, quase sempre buscam o turno da noite.

Josenilson Vieira da Silva (18 anos), prossegue dizendo “Porque eu estava muito atrasado e queria terminar logo”. **Susa Mara (17 anos)**, também fala “Querida avançar mais rápido pois já tinha perdido 3 anos”. E **Magnos Geovan Aquino Silva (18 anos)**, conclui “Querida concluir meus estudos para conseguir um emprego melhor”. Nesse sentido, percebemos aqui que esses estudantes, são movidos por necessidades maiores, ou seja, eles ainda estão jovens, porém, suas formas de vida não os permitem ter o direito de escolher onde e quando estudar. São jovens que agora precisam trabalhar, pois tem filhos, esposa (o) e junto a isso suas obrigações para cumprir. Assim, buscam na EJA a rapidez necessária para recuperar o tempo perdido quando estavam fora da escola.

Por esse motivo, necessita-se de uma educação que mostre boas motivações para que esses alunos permaneçam na escola, uma educação que conscientize. Tedesco e Lacerda (2020, p. 66) na obra, “*Paulo Freire 100 anos*” cita que:

Alfabetização para conscientização não é o fim, mas o caminho de uma metodologia a seguir para que os alfabetizados sejam capacitados a ler e a escrever, se assumindo na práxis da aprendizagem como sujeitos críticos: o poder de se expressar por meio da palavra, que sozinha na educação não traz valor algum para a vida do adulto, mas quando conduzida pela consciência crítica, traz na sua simplicidade o significado da vida.

A quinta questão destacada foi a seguinte: *Na EJA, a forma como os professores ensinam, compreendem sua realidade?* **Luzielly de Sousa (24 anos)** respondeu: “Uns sim, outros não”. No mesmo sentido, **Mara Fernandes De Melo (17 anos)** fala: “Um pouco”. Assim como **Magnos Geovan Aquino Silva (18 anos)** diz que: “Não, ainda tenho dificuldade de aprender as disciplinas”. As falas destacadas apontam para uma necessidade muito grande da escola em rever seus conceitos. Adams (2010, p. 25) fala que:

A educação pode ser compreendida como uma atividade humana, socializadora, medida pela experiência, onde educador e educando estão situados numa práxis social em que os acontecimentos históricos adquirem um potencial de mediação pedagógica.

Destaca também uma realidade muito particular da EJA, que é: muitos alunos não conseguem aprender. Repetem e repetem, mas não conseguem aprender a matéria. Para associar essa realidade, vamos citar Brunel (2014, p. 96) quando diz que:

O professor que trabalha com essas turmas tem que conciliar o afeto com a disciplina e com um currículo a ser cumprido. O papel do professor não é fácil nessa modalidade, pois ele sabe que muitos desses alunos têm uma trajetória de descontinuidades e rupturas na sua escolarização e, para muitos, a EJA é a última alternativa para se manterem no espaço escolar.

Nesse sentido, precisamos compreender pelo menos duas realidades. Primeiro, sabemos que essa responsabilidade não é somente dos professores(as), muitas vezes eles não têm apoio nem possibilidades, para prosseguir em uma formação continuada. Muitas são as realidades, e em muitas delas, eles se sentem impedidos de prosseguir na formação. Enquanto isso acontece, a escola vai mudando seu contexto, seus alunos, e necessitando cada vez mais de capacitação por parte dos que a fazem. Por outro lado, muitos simplesmente não buscam aperfeiçoar sua profissão. Brunel (2014, p. 45) fala:

Muitas vezes encontramos professores que não conseguem um diálogo franco e aberto com seus alunos. Essa dificuldade de relacionamento é consequência de uma cultura autoritária ainda presente em nossa sociedade. A cultura do diálogo é nova. O aluno quer ser ouvido, quer opinar. Só ficará calado em sala de aula se está lhe suscitar alguma reação, se o que ele aprende não lhe causar nenhum interesse. Nem sempre ele vai à escola somente para cumprir uma obrigação ou à procura de um diploma.

Na sexta questão perguntamos o seguinte: *Consegue conciliar bem as atividades curriculares da EJA com o seu trabalho?* **Magnos Geovan Aquino Silva (18 anos)** diz: “Não, tenho dificuldades”. Esse jovem em sua fala mostra mais uma vez a realidade tão comum em que se configura a educação na vida daqueles que migraram para a EJA por necessidades maiores. Em muitas falas sentimos que existe o desejo por parte desses alunos de estudar e desfrutar da educação de uma forma mais proveitosa, mas muitos deles possuem um histórico de rupturas em suas trajetórias, e por isso acabam levando a escola e suas tarefas como podem. Brunel (2014, p. 109) ainda fala que:

Muitas vezes as causas que determinam as situações de fracasso escolar são atribuídas somente aos alunos e, frequentemente, eles mesmos acreditam nisso. É mais fácil dizer que o problema é dos jovens ou das famílias. Na realidade, os professores, a escola, a família e os alunos sofrem as deficiências de um sistema escolar carente e excludente.

A sétima questão diz: *Utiliza recursos (biblioteca, computador etc.) da escola para realizar as atividades?* **Kayllany Karol Rodrigues (17 anos)** relata: “só quando estudava no Ensino regular”. **Laurence Oliveira (19 anos)**, também fala que “não”. E os demais seguiram na mesma linha. Muitas são as questões que podemos levantar sobre essas respostas que apresentam dificuldades em utilizar recursos da escola. Muito provavelmente, como eles mesmo já citaram que trabalham, uma das alternativas que justificam essas respostas, seria o tempo. Pois alguns deles falaram que não conseguiam conciliar bem os estudos e o trabalho. Muitos deles já chegam na escola com a cabeça cheia de responsabilidades e preocupações do dia a dia que vão à escola apenas para assistir às aulas. Outra seria a falta de interesse mesmo, pois para alguns, as reais motivações da escola em suas vidas ficaram no meio do caminho.

A oitava questão perguntamos: *Numa escala de 0 a 10, quanto você daria para o proveito que está obtendo dos conteúdos?* **Magnos Geovan (18 anos)** diz: “6”. No mesmo sentido, **Susa Mara (17 anos)** fala: “6”. **Laurence Oliveira (19 anos)** respondeu: “7”. **Kayllany Karol Rodrigues (17 anos)** e **Luzielly de Sousa Lima (24 anos)** responderam: “8”. **Josenilson Vieira da Silva (18 anos)** respondeu: “9”. Levando em consideração a rotina em que esses jovens falaram

que tem e suas trajetórias no Ensino Regular, é considerável compreender tais respostas. Uma vez que, mostraram ter necessidades de trabalhar desde muito cedo. Com isso, eles encontraram na EJA a saída para conseguir conciliar trabalho e estudos.

A nona e última questão diz: *Esta modalidade de ensino (EJA), tem contribuído para você refletir sobre a continuação dos estudos após concluir o Ensino Médio?* **Susa Mara Fernandes De Melo (17 anos), Josenilson Vieira da Silva (18 anos) e Magnos Geovan Aquino Silva (18 anos)** responderam: “sim”. No mesmo sentido, **Luzielly de Sousa Lima (24 anos)** falou: “sim muito”. **Laurence Oliveira (19 anos)**: “sim com certeza”. **Kayllany Karol Rodrigues (17 anos)** diz: “tem sim”.

Percebemos através dessas respostas, que a EJA na referida escola, tem buscado cumprir seu papel enquanto modalidade de ensino. Nesse sentido, podemos citar Paulo Freire (2018) quando fala que o ato de ensinar não significa transferir conhecimentos, é um ato reflexivo, que gera uma ação, no qual o aluno deve refletir sobre os conteúdos ministrados pelo professor.

Esses jovens precisam de motivações que os façam ver a educação como algo singular na vida deles. E não somente para conseguir títulos, mas a formação enquanto pessoa que se move no mundo, que possui ponto de vista crítico e próprio, e expõe opiniões diante da sociedade. Brunel (2014, p. 103) afirma:

Quando o professor consegue ver no aluno mais que um simples indivíduo, quando ele percebe que existe em cada aluno um universo de saberes, que eles são capazes de dizer muitas, talvez boas ou não, como todo ser humano, a relação começa a mudar e o sentido de estar ali se faz presente.

Falamos sempre do papel professor, mas, sabemos que toda a escola deve se posicionar para defender as causas dos seus alunos. Esses alunos chegam na escola com bagagens, muitas delas precisam ser moldadas, outras precisam ser deixadas e outras conquistadas.

A gestão deve buscar a capacitação de seus professores, a organização de cargos na escola, instrumentos de trabalho em todos os setores, e a valorização de cada pessoa que está ali a disposição da escola. É como se fosse um corpo com seus membros, se um esmorecer, conseqüentemente os outros

irão sofrer junto. Cada um deve considerar importante o serviço próprio e do outro, e ver nos alunos, flechas para desdobrar novos horizontes na sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal, analisar e compreender sobre as discussões e reflexões acerca da predominância dos jovens em detrimento do público adulto na EJA, mais especificamente na Escola Estadual José Calazans Freire na cidade de Upanema/RN. Através da nossa pesquisa bibliográfica e de campo, podemos conhecer melhor as realidades dos alunos entrevistados e caracterizar alguns motivos que levaram a predominância de um público tão jovem a ocupar vagas nessa modalidade de ensino.

A partir do referencial teórico, podemos compreender que a Educação de Jovens e Adultos foi uma modalidade de ensino criada propositalmente para um público heterogêneo, sendo eles jovens, pessoas mais adultas e idosos, e isso acena para uma série de questões específicas. A troca de experiências desse público tão diversificado, uma formação específica e continuada para professores, além de políticas públicas que assegurem a permanência desse público na escola.

Aprendemos também que esse fenômeno de rejuvenescimento da EJA, não é antigo e que muito repentinamente as pessoas mais adultas e idosas perderam espaço. A partir de uma perspectiva crítica de educação, através dos autores citados, percebemos que há muito o que ser feito para que se tenha uma educação que atenda às diversas necessidades que permeiam o campo da EJA. Diante dessa realidade, é necessário que haja planejamentos, diálogos e sensibilidade por parte da escola para que se consiga enxergar a complexidade dessa realidade.

A partir das entrevistas realizadas, podemos perceber que atualmente na supracitada escola o público é composto majoritariamente por jovens. Compreendemos através das falas, que esses jovens precisaram começar trabalhar desde cedo, muitos deles são casados e vivem a necessidade de contribuir com a renda da casa. Com isso, surgiram as dificuldades em conciliar os horários, tarefas de casa, filhos e trabalho. Outros jovens apontaram que a

repetência no ensino regular contribuiu para desistirem deste e optarem pela EJA. Outros falaram sobre a descontextualização da educação de uma forma geral.

É nesse contexto de passos e descompassos que a EJA vem enfrentando, que precisamos refletir sobre as necessidades da educação de uma forma geral. Refletir para além de uma conclusão do Ensino Médio, e investir na carreira educacional desses alunos, como enquanto sujeitos ativos na sociedade. Assim sendo, seria egoísmo apresentar apenas as realidades dos alunos, os professores, e a equipe da escola de uma forma geral, precisam unir as forças e pensar no bem comum.

Por fim, acreditamos que a pesquisa contribuiu significativamente para as reflexões que permeiam o campo da Educação de Jovens e Adultos e mais especificamente sobre esse novo fenômeno do rejuvenescimento da EJA. Esperamos que outras pesquisas aprofundem ainda mais essa discussão, pois como foi possível perceber nos resultados esse é um fenômeno que parece cada vez mais recorrente, sendo necessário aprofundamento de estudos e pesquisa para pensar uma educação que compreende esses novos/velhos sujeitos da EJA.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. Educação Popular na América Latina e Economia Popular Solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado. Aparecida, SP: Ideia e letras, 2010.

Barbosa, Ana Cristina. / Sales, Gilvandenys Leite. / Amorim, Laudenor (Orgs.) Desafios docente e discente da educação de jovens e adultos (eja): existe solução? Ana Cristina Barbosa / Gilvandenys Leite Sales / Laudenor Amorim (Orgs.) Campinas, SP : Pontes Editores, 2020

Barbosa, Maria Ivone Evasão escolar na EJA: um estudo sobre as dificuldades vivenciadas por jovens e adultos para a efetivação do processo ensino aprendizagem / Maria Ivone Barbosa, Marilene do Socorro Coelho Vilela. – Gurupá, PA, 2015.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Paulo Freire / Celso de Rui Beisiegel. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BRUNEL, Carmem. Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos / 3. ed. -Porto Alegre : Mediação, 2014.

DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FÁVERO, Osmar. Educação de jovens e adultos: passado de histórias, presente de promessas. In: *Educação de Jovens e Adultos na América Latina*. São Paulo: Moderna, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire – 57° ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo: Editora Cortez, 1994. p. 53-74.

Paulo Freire 100 anos: o centenário de um pensamento intempestivo 1.ed. [recurso eletrônico] / [org.]. Anderson Luiz Tedesco, Tiago Eurico de Lacerda. – 1. ed – Curitiba-PR: Bagai, 2020. Recurso digital.

PEREIRA, Talita Vidal; OLIVEIRA, Roberta Avoglio Alves. Juvenilização da EJA como efeito Colateral das Políticas de responsabilização. Estud. Aval. Educ., São Paulo, v. 29, n. 71, p. 528-553, maio/ago. 2018.

Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual José Calazans Freire. Upanema/RN, 2019.

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/upanema.html> (9:58 am. 06/04/21).

<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-upanema.html> Acesso em: 04/05/2021 – 08:29

<https://www.youtube.com/watch?v=-tCskIKz668> Acesso em: 15/05/2021 - 09:21

Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual José Calazans Freire. Upanema/RN, 2019.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1.

Dados gerais	
Nome	
Idade	
Endereço	
Trabalha em que?	

2.

Dados específicos	
Qual suas maiores dificuldades quando estudava no ensino regular?	
No Ensino Regular, a forma que os professores ensinavam compreendiam sua realidade?	
Tinha dificuldade em chegar até à escola quando estava no ensino regular?	
Por que optou por se matricular na EJA?	

Na EJA, a forma como os professores ensinam, compreendem sua realidade?	
Consegue conciliar bem as atividades curriculares da EJA com o seu trabalho?	
Utiliza recursos (biblioteca, computador etc.) da escola para realizar as atividades?	
Numa escala de 0 a 10, quanto você daria para o proveito que está obtendo dos conteúdos.	
Esta modalidade de ensino (EJA), tem contribuído para você refletir sobre a continuação dos estudos após concluir o Ensino Médio?	